

“VIVO ENTRE MIM E A ANGÚSTIA DE MIM”: BREVE ENSAIO SOBRE *URDINDO PALAVRAS NO SILÊNCIO DOS DIAS*, DE VERA DUARTE¹

“I LIVE BETWEEN ME AND MY ANGUISH”: A SHORT ESSAY ON *URDINDO PALAVRAS NO SILÊNCIO DOS DIAS*, BY VERA DUARTE

*Cátia Monteiro Wankler*²

*Veronica Prudente Costa*³

RESUMO

Vera Duarte, um dos grandes nomes da Literatura de Cabo Verde contemporânea, publicou, em 2024, uma obra que acreditamos que seja uma das mais significativas da poesia em Língua Portuguesa no momento: **Urdindo palavras no silêncio dos dias**: poemas de um tempo de pandemia, que, conforme sinaliza o subtítulo, oferece ao leitor um tecido de reflexões várias, sobre temas diversos, gestadas em um período extremamente difícil e atípico que mexeu com o humano em nós, que, talvez, mude para sempre os destinos da Terra, a pandemia de COVID-19. O livro está dividido em quatro “estações”, cada uma com uma temática, ao longo das quais estão agrupados poemas de um sentir profundo e subjetivo: a primeira pensa, politicamente, as questões étnico-raciais que se perpetuam no tempo; a segunda tece um “ensaio poético” sobre o amor e suas nuances; a terceira cogita sobre a palavra, suas possibilidades e subjetividades; a quarta acolhe vivências e lembranças que (con)formam o eu como si-mesmo e como outro. O objetivo deste estudo é explorar, em linhas gerais, as interfaces, os sentidos e sentimentos evocados pela, para e sobre a palavra poética por meio da qual Vera Duarte nos estimula a revisitar os tempos pandêmicos que, hoje, soam à memória quase como uma ficção distópica. Nossa leitura partirá da divisão quádrupla da obra, com especial atenção às suas denominações e relações de sentido destas com algumas referências externas a ela, e será teoricamente orientada, primordialmente, por Simone Caputo Gomes, Carla Akotirene e Paul Ricoeur.

PALAVRAS-CHAVE: Vera Duarte. Poesia caboverdiana. Literatura e pandemia; **Urdindo palavras no silêncio dos dias**.

ABSTRACT

Vera Duarte, one of the great names in contemporary Cape Verde literature, published a work in 2024 that we believe to be one of the most significant poetry books in Portuguese Language at present times: **Urdindo palavras no silêncio dos dias**: poemas de um tempo de pandemia, as the subtitle indicates, offers the reader a wide range of reflections on diverse themes, conceived during an extremely difficult and atypical period that stirred the human side in us, which, perhaps, will change the fate of the Earth forever: the COVID-19. The book is divided into four “stations”, each one named as a theme, along which subjective poems are grouped: the first thinks, politically, about the ethnic-racial issues that perpetuate themselves over time; the second is a “poetic essay” on love and its nuances; the third considers the word, its possibilities and subjectivities; the fourth welcomes experiences and memories that (con)form the self as oneself and as another. This study aims to explore, in general terms, interfaces, senses and feelings evoked by, for and about the poetic word through which Vera Duarte encourages us to revisit the pandemic times that, today, sound to memory almost like a dystopian fiction. Our reading will start from the fourfold division of the work, with special attention to its denominations and the relationship between meaning and some external references to it by Simone Caputo Gomes, Carla Akotirene and Paul Ricoeur.

Keywords: Vera Duarte. Cape Verde poetry. Literature and pandemic; **Urdindo palavras no silêncio dos dias**.

Para mim escrever alivia, catartiza, cumplicisa. A sensação de beleza e de tranquilidade que o poema me transmite é como se através dele eu achasse uma saída ou uma não-saída para o ser ou para a humanidade. Ser poeta é poder dizer da outra vida / das outras vidas que nos vão por dentro e espantam o cotidiano; extasiar-se com a beleza de uma pedra solta no caminho.

(DUARTE, Vera. *In*: ROZÁRIO, 1999, p.95)

Os anos mais intensos da pandemia de COVID-19 — 2020, 2021 e ainda parte de 2022 — hoje, soam à memória quase como uma ficção distópica, dessas que assistimos nos *streamings* de filmes: um vírus subjogou a humanidade. Vimo-nos presos em casa, isolados socialmente, quase totalmente dependentes das telas de computadores e celulares e de serviços virtuais. Alguns preferiram negar aquela realidade e atribuir tudo o que acontecia a uma conspiração liderada pela China para “dominar o mundo”, outros, que se tratava de mais uma estratégia da indústria farmacêutica para obter mais lucro por meio do pânico.

A despeito daqueles que negam até hoje, muitos acabaram por se calar ao se verem assolados pela dura realidade de que, infelizmente, estavam doentes ou alguém amado estava. E morreram ou ficaram com sequelas até então não conhecidas. O COVID-19 se materializara em seus corpos e tomara-lhes violentamente a possibilidade de negação. Também a saúde mental de muitos foi posta à prova. Alijar-se do convívio social direto forçou os sujeitos a estarem, como nunca, voltados para dentro de si e, portanto, em contato com suas maiores idiossincrasias, com memórias dolorosas, com a percepção agudíssima de si e das relações com os outros, destacadas pelo distanciamento, pela ausência de convivência que, contraditoriamente, escamoteia tantas verdades.

Muitas foram as formas encontradas por nós para lidar com nossa solidão e nossos medos, com a matéria bruta do desconhecido e da incerteza: por quanto tempo mais? Quem será o/a próximo/a a adoecer? Morrerá? Terá sequelas? Perderei meu emprego? Como ficará o aprendizado de nossas crianças e adolescentes? Parecia que as respostas, as afirmações convincentes haviam se tornado, todas elas, especulação e condescendência. Um dos caminhos de escape não alienante desse contexto foi pensar, estudar, apreciar e fazer arte. Flávia Aninger de Barros, no Prefácio à obra **Literatura em pandemia: Epos-Cronos e Estações Brasil** diz que:

Por conta da dura realidade da pandemia e das limitações que dela ainda decorrem, precisamos como nunca da Literatura. Ela contém o denominador comum da humanidade; nela estão nossas percepções do mundo, nossas expectativas, medos e desejos. A Literatura traz um conteúdo que nunca se esgota: o ser humano. Se lemos os mitos e lendas, encontramos perguntas primordiais sobre o mundo e temas fundamentais como a morte e o amor. Se lemos contos e crônicas contemporâneos, podemos refletir sobre os problemas do viver em sociedade, sobre o esfacelado “eu” pós-moderno, sobre a relatividade das verdades, sobre nossas antigas ou mais recentes esperanças. Se lemos poesia, as imagens nos fornecem finas percepções da realidade, complexidades se delineiam na escolha das palavras e surpreendem nosso intelecto com uma nova compreensão (Barros, 2021, p. 24-25).

No caminho do que diz Barros, Vera Duarte, um dos grandes nomes da Literatura de Cabo Verde contemporânea, em 2024, presenteou-nos com um volume de poemas que acreditamos que seja um dos mais significativos da poesia em Língua Portuguesa no momento. Trata-se de **Urdindo palavras no silêncio dos dias**: poemas de um tempo de pandemia (o qual, a partir daqui será mencionado como **Urdindo palavras...**), que, conforme sinaliza o subtítulo, oferece ao leitor um tecido de reflexões várias, sobre temas diversos, gestadas em um período extremamente difícil e atípico que mexeu com o humano em nós, que, talvez, mude para sempre os destinos da Terra: a pandemia de COVID-19.

O objetivo deste breve ensaio é explorar, em linhas gerais, as interfaces, os sentidos e sentimentos evocados pela, para e sobre a palavra poética por meio da qual Vera Duarte nos estimula a revisitar os tempos pandêmicos. Nossa leitura partirá da divisão quádrupla da obra, com especial atenção às suas denominações e relações de sentido destas com algumas referências externas a ela, e será teoricamente orientada, primordialmente, por Simone Caputo Gomes, Carla Akotirene, e Paul Ricoeur.

Simone Caputo Gomes afirma que

Desde os primeiros escritos (**Jogos Florais 1976, antologia de poesia cabo-verdiana**, com outros autores, e **Amanhã amadrugada**, 1993, primeira obra individual), Vera se debruça sobre temáticas estruturais do tempo em que vive, como os direitos humanos, a assunção e o empoderamento da voz e da ação femininas na sociedade e na literatura, a persistência de situações de discriminação e escravatura, a denúncia e a abolição de qualquer tipo de preconceito, a extinção de todas as formas de violência (Gomes, 2024, p. 260-261).

Em **Urdindo palavras...** essa dinâmica parece se exacerbar, posto que Vera Duarte registra, por meio da palavra poética, muito da angústia que permeia as existências individuais e coletivas do período pandêmico, sobre o qual falamos rapidamente anteriormente. Não se trata do simples “retratar” (o que não consideramos tarefa da poesia) o que se sentia ou pensava sobre aquele contexto em si, mas antes o que se sentia ou pensava naquele contexto. A sutileza reside justamente no fato de que o isolamento social e a incerteza não fomentaram somente o medo e a desconstrução de crenças e “realidades” acerca da pandemia, e sim suscitou — e/ou trouxe à tona — memórias, dores, saudades, estranhamentos e especulações sobre o futuro, assuntos facilmente engavetados em função do cotidiano acelerado que nos atropela.

Na apresentação de **Literatura em pandemia: Epos-Cronos e Estações Brasil**, seus autores afirmam que

A nosso ver, não temos como pensar em literatura sem vincular sua produção à história, por exemplo, como o que fomenta a ficção. Mas não nos referimos àquela relação determinista com a história, condicionada aos gostos e valores vigentes ou favoritismos ideológicos de cada tempo.

[...]

Desta forma, a nossa alusão a Epos se dá no contraponto de um conjunto de narrativas que remetem a um povo, de um momento dado, seus feitos, lutas, ao mesmo tempo em que narrar é inspiração “nascida e alimentada” pela experiência atual. E assim, ousamos falar desse tempo, vencer sua efemeridade, superando este momento crítico vivido por estas gerações, momento que dá título a esta produção e move as ideias que confluem neste livro para que a história não seja ignorada.

[...]

Por outro lado, se falamos de Epos, podemos falar de Cronos, metáfora perfeita para um tempo suspenso semelhante a este em que estamos vivendo. (...) Também é tempo de aflorarem as minúcias humanas causadas pelo vírus e que se revelam no padrão veloz das contaminações e no modelo paradoxalmente estático da vida que se impôs neste período vivido em isolamento. Estamos em estado catatônico nas dobras de um tempo que insiste em não querer passar, e por isso também a relação ao Cronos, do tempo pausado, congelado, da inércia, para pensarmos em quantas alternativas podem ser criadas para reverterem essa ordem de estagnação. (Conceição; Araújo, 2021, p. 30- 31)

Neste sentido, **Urdindo palavras...** pode ser observado como expressão de uma contemporaneidade potente que não está atada a um momento específico, que elabora mais sobre uma forma de existência que subverte a ordem “passado, presente, futuro”, subverte Cronos. Os poemas elaboram aquilo que vai no íntimo de um sujeito — feminino — que se projeta para dentro de si e de outros, para além de Cronos, exercitando, pela via da memória, da especulação ou da projeção, evocando Epos, tanto em sua acepção de uma poesia de origem quanto no sentido de uma grande epopeia coletiva, em que milhões de heróis e heroínas enfrentam as aventuras e desventuras de combater um enorme e desconhecido “monstro” cujos poderes parecem ilimitados.

Talvez por estarmos ainda iniciando os estudos das primeiras obras literárias escritas sobre ou impactadas pela pandemia, a leitura suscita a pergunta “que livro é esse?”, que encontra abrigo nas palavras de Cândido Luís Vasques, no prefácio à obra:

São, portanto, 100 poemas, melhor dizendo, 100 textos poéticos, 100 textos plenos de poesia, que compõem um livro plural, plural na temática e plural na forma, e, penso eu, também na fonte de inspiração, mas que guardam em comum os tempos estranhos em que foram gestados — tempos de pandemia. Tempos extraordinários que não impediram a poeta de urdir, no silêncio dos dias, a sua teia poética, na qual bem caímos, com muito gosto, para nela nos demorarmos. (Vasques, 2024, p. 15)

A começar pelo título, todo ele nos envolve naquilo em que a obra se concentra: a complexidade, da vida, das pessoas, das coisas, que vai além da pandemia, um ponto no tempo para quem olha de agora, do “futuro”, mas que parecia uma eternidade naquele momento, “presente”, agora “passado”. As “palavras”, de acordo com o título, não são “escritas” ou “criadas” ou “entrelaçadas”, sinônimos de urdir mais conhecidos e usados coloquialmente, pois a urdidura sugere a arquitetura de seus sentidos, a elucubração, a complexidade de elaboração que não nos sugerem os termos sinônimos citados, embora eles as contenham: a fortuidade do verbo “urdir”, sobretudo associado a “palavras”, nos provoca a pensar nessa relação, em seu(s) possíveis significado(s), assim como acontece ao longo de toda leitura da obra.

Urindo palavras... se divide em quatro partes, quatro “estações”, cada uma com uma temática, ao longo das quais estão agrupados poemas de um sentir profundo e subjetivo: “Estação primeira — novos poemas negreiros”; “Estação segunda — do coração sangrante”; “Estação terceira — da palavra andarilha”; “Estação quarta — da irredutível felicidade”.

“Estação primeira — novos poemas negreiros” tem como epígrafe: “A bênção Zumbi dos Palmares / A bênção Castro Alves / A bênção Marcelino Freire”. Zumbi dos Palmares, líder quilombola brasileiro de grande expressão histórica, tanto que a data de seu nascimento se tornou o Dia da Consciência Negra no Brasil; Castro Alves, escritor brasileiro, defensor da abolição da escravidão e autor do poema de cariz épico “O Navio Negreiro”, que busca revelar os horrores encerrados no interior dos navios que transportavam os africanos sequestrados para serem escravizados; Marcelino Freire, escritor brasileiro vencedor do Prêmio Jabuti de 2005 pelo volume intitulado **Contos Negreiros**. O subtítulo da Estação — “novos poemas negreiros” — e os chamamentos na epígrafe deixam claro que o tema é o tráfico e a escravização de africanos no Brasil, considerando que os três citados são brasileiros.

Esta “Estação primeira” aponta para uma reflexão política acerca de questões étnico-raciais que reverberam ao longo do tempo, sobre a escravidão e seus desdobramentos físicos, psicológicos, históricos, míticos. Os sujeitos dos textos, claramente femininos, acrescentam aos atos de dominação e barbárie perpetrados pela escravização um “agravante” quando se trata de uma mulher escravizada, posto que as mulheres negras eram, e ainda são, a ponta mais vulnerável e desprovida de poder de um sistema de estratificação de pessoas baseados em critérios de gênero, raça e classe⁴. Este ponto de vista dialoga com aquilo que Carla Akotirene aborda em seu livro **Interseccionalidade**:

Tal conceito é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros.

Surge da crítica feminista negra às leis antidiscriminação inscrita às vítimas do racismo patriarcal. Como conceito da teoria crítica de raça, foi cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, mas, após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, em 2001, conquistou popularidade acadêmica, passando do significado originalmente proposto aos perigos do esvaziamento. A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (Akotirene, 2019, p. 14)

O peso da interseccionalidade teorizada por Akotirene pode ser observado ao longo de toda esta seção da obra de Vera Duarte, que, em vários momentos, fala de modo contundente, sobre a violência que os escravizados e as escravizadas sofriam no processo e o quanto as mulheres eram massacradas, pois acabavam sendo vítimas dos brancos e dos próprios homens negros. O primeiro poema é em prosa, chama-se “Felicidade”, e fala do fazer poético que, em certa medida, anuncia ao leitor que tudo o que será dito dali por diante é poesia. É a partida da “Estação primeira”: é memória, é fascínio, é imagem (“luminescência”) é “sabor de felicidade”, é êxtase.

1. Felicidade

Às vezes, na madrugada insone, assalta-me um poema perfeito.
Fascinada quedo-me na apreciação de suas luminescências e seu sabor de felicidade.

Adormeço inebriada... e o poema bate em retirada.

(Duarte, 2024, p. 21)

Em seguida, em “Liberdade”, há um vislumbre da vida pré-escravização, talvez um arroubo de memória e/ou de uma projeção pessoal. É um poema curto, de fôlego, ao mesmo tempo objetivo e lírico, focado na interação com a natureza e a possibilidade de usufruir dela livremente, sugerindo a oposição entre “liberdade” e “cativeiro”, que terá início e se agravará nos poemas seguintes.

2. Liberdade

Colho em cada flor
O odor da liberdade
E os dedos me sangram
Nos espinhos que me imolam

Viajo em cada onda
Todas as ondas do mundo
Quero ser chão e estrela
De um novo amanhecer

E ser apenas povo

Apenas chão

Apenas onda

Estrela e Liberdade

(Duarte, 2024, p.22)

A partir daí, observamos uma sequência de poemas que mostram os horrores da escravização de seres humanos, desde sua captura, que hoje já nomeamos mais propriamente como sequestro, da viagem ultramarina nos porões dos navios que, além de insalubres, eram palco de tanta violência física, psicológica, sexual. Depois, o cotidiano brutal dos corpos escravizados, a revolta silenciada pela tortura e pelo terror psicológico.

Para encerrar essa “Estação primeira”, dois poemas parecem simbolizar a luta pelo fim da escravidão e pelo afastamento daquela realidade, ao mesmo tempo tão distante e tão próxima: “Kunta Kinte” e “Pasárgada”.

21. Kunta Kinte

Sinto um profundo fascínio
Pelo nome Kunta Kinte
Como se ele trouxesse no bojo
O esplendor amargurado
Dos fazedores de algodão
Trazidos das margens do Nilo
Pra provar o novo mundo

E chamo por Kunta Kinte
Meu sobrinho americano
Que tem o sorriso nos lábios
E não carrega nos ombros
O peso da servidão
Das dores e dos ódios
Que massacraram
O primeiro Kunta Kinte

E nós também descendentes
Gritamos aos quatro ventos
Com Rosa aprendemos a desobedecer
Com James aprendemos a insurgir
Com Ângela aprendemos a cantar
A canção da igualdade...

—Algemas nunca mais!
(Duarte, 2024, p.43)

22. Pasárgada

Qual Bandeira
Quero inventar uma Pasárgada
Onde brilhe a Estrela da manhã

Quero uma África pura
Continente livre em gestação
Sem fome e sem corrupção

Quero uma África jardim
De crianças suave refúgio
Sem guerras nem predadores

Quero uma África mito
De mulheres e homens justos
Íntegros e vitoriosos

Qual Bandeira
Quero inventar uma Pasárgada
Onde todos nos deitemos
Em esteiras de júbilo e aconchego
(Duarte, 2024, p.44)

“Estação Segunda — do coração sangrante” tem como epígrafe:
“Nem todos os amores são fadados a um final feliz” e tece um “ensaio poético”
sobre o amor e suas nuances, a começar pelo “Amor adolescente”:

23. Amor adolescente

Assola-me
Uma saudade antiga
Intensa e avassaladora
Do tempo em que
Enlanguescidos
A erva molhada
Acariciava nossos corpos em festa

Assola-me
Uma saudade antiga
Intensa e avassaladora
Do tempo em que
Adolescentes
Entregávamos nossos corpos nus
À suave carícia da natureza

Enquanto o amor
Em estranhas fosforescências
Incendiava nossas veias
Ao som de Jara e Yupanqui (Duarte, 2024, p. 49)

Mais uma vez, a exemplo da “Estação primeira”, observamos a opção por um início emblemático, o princípio, quando tudo era ainda inocência e expectativas. A partir de então, os poemas traçam como que uma história do amor ao longo das diferentes etapas da vida, passando por “Derrotas”, “Abandono”, “Silêncio”, pelos langores, aflições, calores e arrefecimentos das paixões, até chegar ao fim desta que é a seção com menos poemas, apenas 18, sendo o último deles, o “clímax”, “Inconfidência”, texto carregado de sensualidade.

40. Inconfidência

Há um azul furtivo
Arrebatador
 Conturbador
Que habita meus sonhos
E percorre os caminhos da insurgência
 Incendiando-me
 Em orgasmos de transgressão

Há uma ave
Azul furtivo
Que imprudentemente
Assalta meus sonhos
E me faz Eva de qualquer Adão
E me faz Eurídice do seu negro Orfeu

Há um azul furtivo
Que sem pudor
Habita meus sonhos
E me faz cometer inconfidências
Em amnésicas folhas de papel (Duarte, 2024, p. 66).

“Estação Terceira — da palavra andarilha” tem como epígrafe: “Uma viagem de circunvolução à volta de mim, das ilhas e do mundo” e cogita sobre a palavra, suas possibilidades e subjetividades. Aqui a África é personificada e tornada sujeito, sendo evocada nominalmente, através das línguas e se encontra com outras vozes: Pushkin, Lautréamont, Rimbaud, Betânia, entre outras.

O poema iniciático, “Alma andarilha” é um libelo de afirmação identitária, marcando o acentuado caráter lírico nesta que é a mais extensa das Estações, com 34 poemas.

41. Alma andarilha

Alma andarilha
De fonemas se mantém
A minha alma andarilha
Que de noite se veste de lírio
E de dia é toda valquíria

Sou liberiana
Sou livre leve e louca
E o vento leva-me consigo
Para atrás do infinito

Sou liberiana
Sou harpia desequilibrada
E vagueio
Por manhãs luminosas
E anoiteceres de desespero

Sou liberiana
Sou bandida, doida varrida
E a minha alma andarilha
Só de fonemas se mantém (Duarte, 2024, p.71)

O poema em tela se destaca por introduzir a temática da diáspora africana, que brota a todo momento nesta seção, sob diversas roupagens, bem como pelo fato de afirmar a palavra como marca fundamental de pertencimento e de identidade, afinal, “a minha alma andarilha / Só de fonemas se mantém”.

Desde aí, as temáticas esvoaçam pelas páginas numa liberdade extasiante, e é nessa seção que aparecem alguns textos que apresentam o tema da pandemia de forma mais direta. Um deles é “Derrota”, que, com um eu póstumo, expressa a situação desalentadora daqueles que passaram por tanto, superaram tantas adversidades e, ao fim, sucumbiram a um vírus: COVID-19.

48. Derrota

Atravessei desertos abrasadores
Savanas perigosas, frias estepes
E oásis tentadores

Atravessei fomes devastadoras
Mares alterosos
E ciosos guardadores do poder

Atravessei tudo
Só não consegui atravessar
Esse vírus devastador
Que me tirou o ar
E me atirou para a cova (Duarte, 2024, p.78)

O poema “Tumulto” fala da incerteza, esta que não se limita ao contexto da pandemia, mas que por ela é agravada.

67. Tumulto

Na ardorosa espuma dos dias
No tumulto das ondas que não param
Nas torrentes lamacentas que nos cercam
A incógnita se projeta em nossas vidas

Na usura de um tempo descompensado
Na luz flutuante de uma paz inconclusa

Floresce um futuro misterioso
Que nos põe agitados e expectantes
Tantos tumultos
Tantas agressões
Tantas traições
Que futuro é esse que nos aguarda?
(Duarte, 2024, p.98)

A atmosfera de pessimismo, desorientação e dissabor de “Tumulto” é seguida por uma dose de esperança no poema imediatamente seguinte:

69. Quando a pandemia passar

Quando a pandemia passar
Afogar-me-ei em águas tumultuosas
Voarei em sonhos concêntricos
Em direção à linha do nunca mais

Quando a pandemia passar
Brindarei aos deuses estilhaçados
A graça da sobrevivência
E passarei a colecionar futuros luminescentes

Quando a pandemia passar
Um frémito de vida
Agitará o sangue do meu coração
E nas minhas veias a inspiração renascerá

Não posso assim morrer
Antes que pandemia passe (Duarte, 2024, p.101).

Se entre os poemas “Tumulto” e “Quando a pandemia passar” ocorre um crescente de positividade, o oposto ocorre entre este último e seu subsequente:

70. Por um tempo de luto

Poderia escrever todos os dias, cada dia, meticulosamente,
uma crônica molhada de lágrimas do adeus a um amigo, um
familiar, um amante...
Contudo, o meu amor pela natureza não permite pois as fo-
lhas de papel seriam inumbráveis e demasiadas as árvores que
necessitaria derrubar.
Por isso acumulo numa só folha, as milhentas lágrimas de san-
gue de outras tantas exéquias que a terra já não aguenta...
Quando chegará o tempo da sagração da vida?
(Duarte, 2024, p. 102)

O sentimento de devastação emocional pulula das linhas deste texto, que diz, de maneira simples e poética, o que tantos sentiram durante a pandemia de COVID-19, sem necessidade de qualquer explicação, é simplesmente ler e sentir.

A “Estação Quarta — da irredutível felicidade” tem como epígrafe: “E a chuva caiu...” e se dedica, basicamente, a acolher vivências e lembranças que (con)formam o eu como si-mesmo e como outro, apegando-nos aqui à perspectiva de Paul Ricoeur (1991), considerando que esta seção parece se “desprender” das demais, marcada que é por mais trações de equilíbrio e mansidão, renunciada pelo primeiro poema.

75. Perdidamente

Hoje sou uma preguiça só. Nem sequer abro os olhos. Quero ficar prostrada como uma larva enquanto esta chuva abençoada se infiltra mansamente na voragem do meu sangue alvoroçado.

Hoje sou apenas cio, útero e flor.

Hoje sou mulher, perdidamente à espera do amor. (Duarte, 2024, p. 111)

Aqui a chuva insinuando-se como metáfora da vida e sua renovação por meio da “lavagem”, da limpeza daquilo que não serve mais. É a chuva que traz paz, mansidão, a “preguiça”, que vem do relaxamento, é produto da paz e do conforto. O eu feminino do poema, cujo sangue é “alvoroçado”, nesse momento, nesse “hoje”, se permite ser apenas uma mulher, visceral e entregue ao que há de mais simples na vida. É como se hoje, mesmo que só por hoje, ela não queira se preocupar com nada além de se reconectar com ela mesma, com sua essência mais primitiva.

A ideia de reconexão com um sentido de originalidade que parecia perdido se estende através da declaração de amor a uma África tão bela, desigual, contraditória em “Distopia” (Duarte, 2024, p. 113): “Amo-te oh África minha / Com tuas injustiçadas mulheres / Cintilantes personagens que em mim fervilham”. O eu que em “Perdidamente” se enxerga e se mostra como si-mesmo, em “Distopia” se desdobra num outro que é todas as “mulheres injustiçadas”, é África, que é “sua” e si por reunir tudo aquilo em que ela, este eu, se reconhece. Em “Os braços da minha avó” (Duarte, 2024, p.121), esta avó é memória, acalento, conforto e segurança, até o ponto em que a avó passa a ser a mãe do eu feminino, que anuncia seus filhos para, na última estrofe, ela mesma ser a avó que acalenta e que sonha o nosso sonho: ao fim, a avó é África, que é todas as mulheres, comunicando-se com “Mestiçagem”:

90. Mestiçagem

Sinto-me a sacerdotisa da mestiçagem, acendo o canhoto da minha avó preta e nas voluptuosas de fumo que se evolvem no ar descubro as dores de que ela padeceu. Trauteio um fado antigo e nas notas tristes que dele emanam redescubro a clausura da minha avó branca. Viajo pelo passado adentro e encontro, desvairada, partículas do meu ser flutuando nas ondas de um mar tenebroso, cemitério de homens e mulheres escravizados e marinheiros crestados ao sol inclemente.

Mas quando aporto às ilhas desertas, o milagre da criouldade acontece e o ritual iniciático dos acasalamentos deita por terra as barreiras levantadas pelas discriminações.

A salvação do mundo estará por certo no mistério da mestiçagem (Duarte, 2024, p. 128).

Neste belíssimo texto, o eu se reconhece em todas aquelas que vieram antes de si, ela se percebe com clareza como sujeito de uma história forjada pelo sofrimento e pela força, pelas “notas tristes” de um “fado antigo”. Ela, que se reconhece a partir de sua própria existência e permanência fundada na imagem construída de si, mas, ao mesmo tempo, se reconhece como todas as “outras” — e, nesse ponto, outros também — identidades fragmentadas no e pelo tempo, nas e pelas narrativas que as fizeram chegar ao presente por meio desse mesmo movimento de reconhecimento e estranhamento.

O derradeiro poema de **Urdindo palavras...**, o centésimo, é:

100. Utopia

Ilha que quebraste tua prisão
Transcendeste tuas líquidas fronteiras
E te multiplicaste pelos continentes
És o meu chão sagrado

Ilha de poetas de alma andarilha
De cantores de voz visceral
Da liturgia da palavra à sintaxe do verbo
Quero ser tua poeta

Deambularei pelo mundo
À procura das raízes ancestrais
Mas a ti sempre voltarei
Minha rainha de águas primordiais
Meu suficiente maravilhoso
De quimeras mil

Serei tua eterna namorada
Tua amada e companheira
Gravarei em mornas canções de amor
Teus mais belos cantos
E mostrarei ao mundo
Teus irredutíveis encantos

Pois...
No princípio nada havia
Sequer canto...
Sequer poema... (Duarte, 2024, p. 140)

E assim se encerra esta potente obra literária de Vera Duarte, trazendo o movimento da gênese a ser exequível apenas por meio da poesia, do amor e da luta, sempre a luta, com diferentes atores envolvidos, utilizando-se de diferentes estratégias e recursos, mas sempre o fio condutor da mudança e da justiça.

Urdindo palavras no silêncio dos dias: poemas de um tempo de pandemia encanta pela crueza de sentimentos, pela expressão volátil e por evocar, de forma tão peculiar, um período da nossa história recente que, a

bem da verdade, ainda não processamos, sobre o qual não elucubramos o suficiente, talvez até por ainda não termos bastante coragem para acessar e aceitar as memórias dos eventos surreais que nos mantiveram em estado de suspensão por tanto tempo. E, para além de tudo isso, trata-se de uma obra artística, um volume de poemas, profundo em reflexões e rico em recursos, em linguagens, ricos como a palavra poética precisa ser, e mais estudos serão necessários para tentar alcançar um pouco do que ela tem a oferecer a nós, leitoras e leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARROS, Flávia Aninger de. Prefácio: uma primeira aproximação. In: CONCEIÇÃO, Kátia Cilene Silva Santos; ARAÚJO, Jean Marcel Oliveira (Orgs.). **Literatura em pandemia: Epos-Cronos e Estações Brasil**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2021. 539p.

CONCEIÇÃO, Kátia Cilene Silva Santos; ARAÚJO, Jean Marcel Oliveira. Apresentação: Leitura em pandemia: Epos-Cronos e Estações Brasil. In: CONCEIÇÃO, Kátia Cilene Silva Santos; ARAÚJO, Jean Marcel Oliveira (Orgs.). **Literatura em pandemia. Epos-Cronos e Estações Brasil**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2021. 539p.

DUARTE, Vera. Por grandes causas, pela vida e pelas pessoas. **Nós Genti-Cabo Verde**. Junho, 2012. Disponível em: <https://nosgenti.com/vera-duarte-por-grandes-causas-pela-vida-e-pelas-pessoas/>. Acesso em: 15/12/2023.

DUARTE, Vera. **Urdindo palavras no silêncio dos dias: poemas de um tempo de pandemia**. 2. ed. Rio Pardo, RS: Casa Brasileira de Livros, 2024.

GOMES, Simone Caputo. A escrita literária de Dina Salústio e Vera Duarte: resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina. **Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/Simone_1_artigo_lit_Cabo_Verde.pdf. Acesso em: 11/10/2024.

GOMES, Simone Caputo. Amanhã Amadrugada 30 Anos: a Literatura de Vera Duarte de Cabo Verde para o Mundo. **Itinerários: Revista de Literatura**. n. 58, 2024. p. 259-270. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/18718/18088>. Acesso em 12/09/2024.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**. Cotia, SP/Praia: Ateliê Editorial/Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

PEREIRA, Érica Antunes. Vera Duarte: “a mulher cabo-verdiana é uma personagem interessante”. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 105-202, 2º sem. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4331/4478>. Acesso em: 08/05/2024.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

ROZÁRIO, Denira. Vera Duarte. **Palavra de poeta**: Cabo Verde e Angola-entrevistas, antologias, bibliografias dos maiores poetas de Cabo Verde e Angola. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SANTIAGO, Ana Rita. Vera Duarte: entre cenas socioculturais e paixões literárias. **Interdisciplinar** - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 30, n. 1, 2018. pp. 105-111. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/9900>. Acesso em: 16 out. 2023.

Recebido para avaliação em 21/05/2025.

Aprovado para publicação em 23/07/2025.

NOTAS

1 Produto do Projeto de Pesquisa “Minorias Sociais e Trânsitos Identitários, Literários e Culturais entre Amazônia, África e Portugal”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Veronica Prudente Costa, financiado pela Chamada CNPq/MCTI N^o 10/2023 – UNIVERSAL, e vinculado aos grupos de pesquisa Estudos de Literaturas e Identidades-GPLId e Africanidades, Literaturas e Minorias Sociais.

2 Professora Titular do Curso de Letras da UFRR. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL/UFRR. Pós-Doutora em Letras (UNIR). Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS). Mestre em Literatura Portuguesa (UFF). Líder do Grupo de Pesquisa Estudos de Literatura e Identidade-GPLId (UFRR/CNPq) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Africanidades, Literaturas e Minorias Sociais (UFRR/CNPq) e da Cátedra Amazonense de Estudos Literários e da Cultura-CAEL (UEA/CNPq).

3 Professora Adjunta do Curso de Letras da UFRR. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL/UFRR. Pós-Doutora em Letras (UFF). Doutora e Mestre em Literaturas Portuguesa e Africanas (UFRJ). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Estudos de Literatura e Identidade-GPLId (UFRR/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Africanidades, Literaturas e Minorias Sociais (UFRR/CNPq) e membra do Grupo de Pesquisa Literatura e Antropologia: Cartografias e Outros Procedimentos Narrativos (UFRRJ/CNPq).

4 Sugerimos a leitura de DAVIS, Angela. **Mulheres, raça, classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.